

PERCEPÇÕES SOBRE A LÍNGUA NO ESPAÇO GEOGRÁFICO: NORTE E SUL

PERCEPTIONS ABOUT LANGUAGE IN THE GEOGRAPHIC SPACE: NORTH AND SOUTH

Marcia Meurer (UEMA)

marciameurer@professor.uema.br

<https://orcid.org/0000-0002-7007-6815>

RESUMO: Como recorte da pesquisa de tese da presente autora¹, apresentamos algumas percepções de falantes sulistas e nordestinos em contato intervarietal na região Nordeste, há quase quatro décadas. A perspectiva teórica metodológica que orientou a coleta e análise é a Geolinguística Pluridimensional e Contatual (ALTENHOFEN; THUN, 2016) que trata de dados linguísticos e sociais de falantes topostáticos (nordestinos) e topodinâmicos (sulistas) em contato intervarietal, ocasionado por migrações de grupos minoritários. Os comentários metalinguísticos dos participantes da pesquisa apresentam percepções que fazem interlocução com os postulados por Auer et al. (2013) e Thun (1998). Os dados sugerem que os elementos dêiticos, advérbios de lugar, produzidos em avaliações subjetivas sobre as variantes regionais, indicam o “lugar de pertencimento” dos próprios falantes, manifestando a lealdade e a identidade de cada grupo com sua matriz linguística geográfica.

PALAVRAS-CHAVE: geolinguística pluridimensional; contato intervarietal; migrações sulistas; percepções norte-sul.

ABSTRACT: As part of the present author's thesis research, we present some perceptions of southern and northeastern speakers in intervarietal contact in the Northeastern region, for almost four decades. The methodological theoretical perspective that guided the collection and analysis is Pluridimensional and Contactual Geolinguistics (ALTENHOFEN; THUN, 2016) which deals with linguistic and social data of topostatic and topodynamic speakers in intervarietal contact, caused by migrations of minority groups. The metalinguistic comments of the research participants present perceptions that converse with postulates by Auer et al. (2013) and Thun (1998). The data suggests that deictic elements, adverbs of place, produced in

¹ O português de migrantes sulistas no Nordeste do Brasil: variação e mudança de marcas regionais no contato intervarietal (MEURER, 2022). Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFRGS, na área de concentração Estudos da Linguagem e linha de pesquisa Sociolinguística, sob orientação do professor Dr. Cléo Vilson Altenhofen.

subjective evaluations of the regional variants, indicate the “place of belonging” of the speakers themselves, indicating the loyalty and identity of each group with its geographic linguistic matrix.

KEYWORDS: *pluridimensional geolinguistics; intervaretal contact; southern migrations; north-south perceptions.*

1 Introdução

Os contatos linguísticos, que se iniciaram há mais de cinco séculos, entre as línguas autóctones e as demais línguas existentes no mundo em território brasileiro deram início a um lento processo de aquisição do português como segunda língua (MELLO; RASO, 2011), tanto por parte de populações originárias como de populações cativas e imigrantes de todos os continentes. Essa mescla de contatos linguísticos não deixou a língua portuguesa imune. A língua que nos une é variada, assim como em outros espaços do “mundo lusófono”, cada uma com sua cor local, suas nuances e peculiaridades próprias: as variedades regionais do português (LEITE; CALLOU, 2002; CARBONI *et al.*, 2017).

A partir dos contatos linguísticos historicamente situados emerge a configuração atual das variedades regionais faladas de norte a sul, que formam o português brasileiro (PB). A promoção da “ocupação dos espaços vazios”, em pleno século XIX, fez com que quase cinco milhões de imigrantes, falantes majoritários de línguas como o espanhol, o italiano e o português europeu, assim como de outras línguas eslavo-germânicas e asiáticas, entrassem em um processo de bilinguismo com o português brasileiro, nas regiões Sudeste e Sul. Essa configuração regional de contatos linguísticos dá origem à variedade sulista do português brasileiro e que não se difundiu, a princípio, sobre os traços e o ritmo do português brasileiro do norte do país.

Nascentes, no início do século passado, percebe essas diferenças linguísticas e publica, em 1933, na série de O idioma nacional, a clássica e mais conhecida arealização bipartite do português brasileiro: 1) norte ou setentrional, compreendendo o falar amazônico e o falar nordestino; 2) sul ou meridional, representado pelo falar baiano, o falar mineiro, o falar fluminense e o falar sulista (MOTA; CARDOSO, 2000). As isoglossas traçadas por Nascentes (1953) têm como base a realização das vogais médias pretônicas e a entoação. Sua comprovação

empírica é dada, nas condições possíveis até então, pelas observações feitas pelo autor a partir de suas viagens pelo país.

Figura 1 – Mapa das variedades do português brasileiro, segundo Nascentes (1953)



Fonte: Nascentes (1953, p. 18)

Uma base empírica objetiva e sistematicamente controlada e comparável para mapear as variedades do português na totalidade do território brasileiro viria somente com o desenvolvimento do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), mais de 50 anos depois do I Congresso de Dialectologia e Etnografia, em Porto Alegre (BUNSE; KLASSMANN, 1969; ALTENHOFEN, 2011; AMARAL, 2019), em que se firmaram as bases para as pesquisas

dialetológicas. O ALiB orientou-se pelos pressupostos da Dialetologia Pluridimensional², contemplando dados não apenas da dimensão diatópica, mas também das dimensões diagenérica (homens e mulheres) e diageracional (geração velha e geração jovem). Nos levantamentos realizados nas capitais, considerou-se, além disso, a dimensão diastrática, recolhendo dados das classes mais e menos escolarizadas (CARDOSO, 2013; CARDOSO, 2015; MOTA; CARDOSO, 2015).

A dimensão diatópico-cinética, que aborda a fala de grupos fixos e móveis, como no caso dos migrantes analisados neste estudo, não foi considerada pelo ALiB, que se restringiu às variedades faladas por falantes topostáticos, tendo em vista o objetivo de mapear e arealizar variedades linguísticas locais já consolidadas e que poderiam representar a variedade regional do português. É preciso destacar que as diferentes migrações internas, enfim, a mobilidade dos brasileiros de modo geral, assim como os contatos linguísticos originados dessa mobilidade, representam uma característica do contexto latino-americano que não pode ser ignorada pela teoria ampla da variação linguística, como observam Radtke e Thun (1996). Elas constituem um subsídio a mais – uma lente poderosa para visualizar macrotendências no tocante à descrição de variedades regionais do português brasileiro.

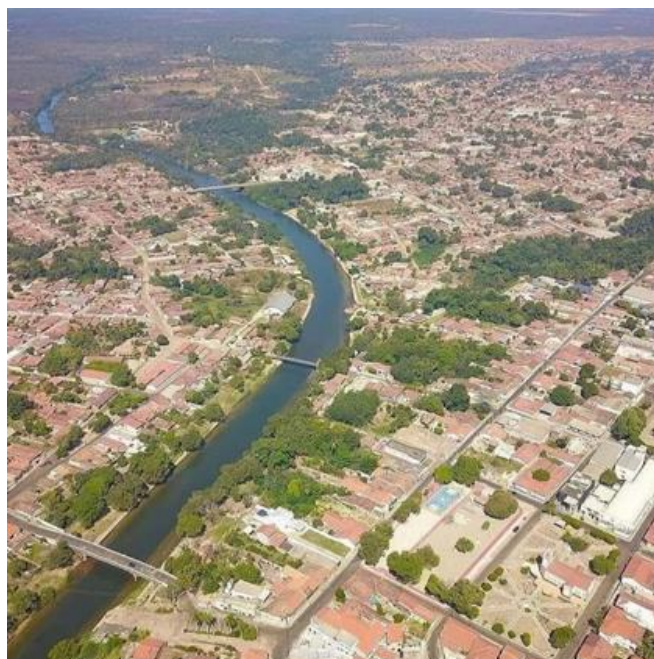
Para o estudo da variação do PB na sua correlação com as migrações e contatos linguísticos – intervaretais e interlinguais – derivados desses movimentos no macroespaço geográfico, torna-se requisito imprescindível conhecer e identificar os principais movimentos migratórios que caracterizam a história de ocupação do país. Este é o caso do presente estudo, cujo objetivo foi verificar a manutenção ou substituição/perda de marcas linguísticas da matriz de origem dos falantes topodinâmicos que aqui são migrantes sulistas. No presente artigo, fazemos um recorte de análise quanto às percepções dos falantes sulistas e nortistas³ em relação ao espaço de pertencimento dos extremos norte/sul.

A localidade dos falantes entrevistados é Balsas, situada no sul do Maranhão, na região Nordeste, fundada às margens do rio Balsas, em 1892. Essa região passa a se integrar às novas “fronteiras agrícolas” do país a partir dos anos 1970, quando recebeu grande contingente de “gaúchos”, de modo geral, sulistas vindos diretamente do noroeste do Rio Grande do Sul.

² Embora se tenha adotado a perspectiva pluridimensional das dimensões e parâmetros, o ALiB não adotou a pluralidade de informantes, a técnica em três tempos e nem a diatopia-cinética. O objetivo visou ainda buscar uma forma única como representativa de uma fala regional, semelhante à dialetologia tradicional, segundo Thun (2016).

³ A denominação “nortista” é usada apenas para fins de estabelecer relação com os extremos geográficos do país, norte e sul, e com a classificação de Nascentes (1953) da variedade do norte (setentrional) em seus dialetos, amazônico e nordestino. Neste estudo, em específico, nos referimos aos falantes da variedade nordestina.

Figura 2 – O rio Balsas



Fonte: IDERB – Instituto de defesa rio Balsas (2021, n. p.)

Vale lembrar que a construção da rodovia Transbrasiliana, no fim dos anos 1950, que passa por Brasília, ligou os extremos do país. Como se pode ver no mapa apresentado na Figura 3, a rodovia Transbrasiliana (BR-153) serviu de caminho para o percurso de migrantes da região Sul direto para a região Norte/Nordeste, principalmente do grupo de migrantes pioneiros para o sul do Maranhão.

Figura 3 - Rodovia Transbrasiliana (BR-153), ligando o sul ao norte



Fonte: BRASIL, Ministério dos Transportes (2000, n. p.)

Com a construção da rodovia Transamazônica (BR-230) na transversal, de acordo com o mapa apresentado na Figura 4, que cruzou a rodovia Transbrasiliana (BR-053), conhecida também como Belém-Brasília, a localidade de Balsas passou a receber os primeiros migrantes sulistas, “gaúchos”, nos anos 1970. Essas são as duas vias de conexão da localidade de Balsas, no sul do Maranhão, com o resto do país, principalmente após ser concluída sua pavimentação, em meados dos anos 1980. Naquela década, que foi o auge da migração sulista em direção ao norte do país, a localidade de Balsas foi escolhida como o primeiro ponto de destino desses migrantes na região Nordeste do Brasil. Nessa época, a localidade possuía pouco mais de 20 mil habitantes.

Figura 4 – Rodovia Transamazônica (BR-230), no sul do Maranhão



Fonte: BRASIL, Ministério dos Transportes (1999, n. p.)

Os migrantes sulistas em Balsas instalaram-se sobre uma estrutura social pré-existente com populações locais, culturas locais tradicionais e atividades de subsistência local. Altenhofen (2008, p. 129) afirma que

Em outro sentido, poder-se-ia admitir que as sociedades tradicionais do passado, caracterizadas pela topostática 1 dos falantes, se encontravam muito mais propensas a perceber ou estranhar a presença do que é exógeno ou estrangeiro à comunidade, do que as sociedades modernas, caracterizadas pela topodinâmica 2 dos falantes e por uma heterogeneidade étnica e social, e muitas vezes inclusive de um plurilinguismo acentuado. Nestas situações, vale ressaltar, o gérmen da variação aparece perceptível já no interior da comunidade e, portanto, não se percebem com a mesma ênfase e diferenciação os modos de falar vindos de fora, como acontecia antigamente, em contextos mais isolados e tradicionais.

Vivem, atualmente, na localidade de Balsas, cerca de 100 mil habitantes (IBGE, 2021). O gentílico é balsense, sendo o nativo local comumente também chamado de “filho da terra”. Ao lado da criação de gado, introduzida pelo nordestino, a atividade econômica principal é o agronegócio, introduzido pelo migrante sulista. Este último, muitas vezes visto não simplesmente como “o outro”, o diferente, mas como “o estranho”, e quase sempre de forma pejorativa também como “o forasteiro”, aquele que não tem destino e nem morada certa, como observado no seguinte excerto de entrevista:

- <F – Como se chama a pessoa que vem do Rio Grande do Sul?>
- m1 - hum?
- f1 - olha, nós aqui quando vieram os primeiros gaúcho, as primeiras pessoas do Rio

Grande do Sul, chamavam-se os gaúcho, mesmo que não fosse gaúcho, mais...era tratado como gaúcho, poderia ser paranaense, catarinense, matogrossense, mais chegou gaúcho, então veio da da região sul pra nós era tudo gaúcho, pra eles não sei como é que eles...

• m2 - tô tentando entender a pergunta é::, são migrantes? pessoas que migraram, nós migramos de uma região pra outra né... é forasteiros, os caras quando vem de fora são forasteiros, eles vão chegando, acho que é por aí assim, a colocação || (Entrevistador <F>; Casal CabGI_NS: m – homem sulista; f – mulher nortista)

Também nesta outra pergunta do questionário dialetológico por designações sobre o imigrante italiano para os entrevistados sulistas, foi possível confirmar essa percepção pelos próprios sulistas de não pertencimento ao lugar pela forma como são vistos pela população local.

• <F- Há outros nomes para designar o italiano?>

• m1 - é:: se chama...vulgarmente se chamava os.. acho que os alemães por ter chegado mais cedo se achavam dono do território, então quando os out...os italianos chegavam, chamavam eles de gringo, né ((risos)) que era o cham...se, né. Mas, na verdade, todos eram gringo, né, eram de fora e aqui nós somos chamado de forasteiro, né ((risos))/

• fl - ((inaudível))

• <I1 - alguma outra palavra?>

• m2 - não...assim que eu.... até caiu muito em desuso isso, né (Entrevista CabGII_S)

Há, contudo, também percepções positivas, sobretudo na chegada, como alguém com uma cultura diferente e que pode dar alguma contribuição ao lugar. O contato por meio das redes sociais (MILROY; LLAMAS, 2013), que vão sendo construídas na matriz de chegada, tem grande importância para estabelecer identidade ou estranhamento, tanto por parte do migrante quanto por parte da população local. São percepções bastante complexas e que vão se refletir também nas variedades linguísticas em contato ao longo do tempo. Entretanto, as redes de comunicação mudam com frequência, podendo, inclusive, na chegada de migrantes tardios, voltar a formar novamente grupos topodinâmicos mais coesos em relação à comunidade local.

É, portanto, um contexto que oferece dados extremamente interessantes para o estudo proposto. Além de ser possível analisar o contato linguístico de variedades regionais mais ou menos delimitáveis em um determinado tempo e espaço, consideram-se as diferentes percepções sobre as variáveis linguísticas e os fatores sociais em jogo como resultado da influência dos contatos intervaretais, e mesmo interlinguais, com línguas de imigração. Feita a contextualização sócio-histórica e geográfica, vejamos, na seção seguinte, as ferramentas teórico-metodológicas do estudo proposto.

2 Fundamentação teórica-metodológica do estudo

A relação entre língua e espaço apresenta diferentes perspectivas de análise, que não são excludentes, são complementares. As interações, ou melhor, os contatos linguísticos acontecem em espaços relativos, construídos, que têm, por referência, espaços absolutos. A existência dos objetos e da experiência humana dá-se pela corporeidade de tempo e lugar. A mudança, a mobilidade é que transforma a percepção do espaço absoluto em espaço relativo. Por isso, nem *absoluto*, nem *relativo*, mas *relacional* (THUN, 1998).

A localização do *modo de falar* no tempo e no espaço, como produto da cultura humana, subjaz à existência de contextos locais institucionalizados por uma ou mais línguas e às relações de força das inúmeras comunidades de fala ao longo da história. Tendo em mente que comunidades de fala sempre disputaram e ocuparam espaços geográficos, sua cultura e suas línguas se circunscrevem a esses espaços, transformando-os em espaços sociais institucionalizados.

Auer *et al.* (2013) afirmam que as três tradições de estudos de língua e espaço, quais sejam, o estudo areal ou geográfico de levantamento da distribuição do léxico e expressões linguísticas, mapeando-os através do espaço, o estudo de expressões gramaticais usadas pelos falantes para localizar entidades ou descrever movimentos no espaço, assim como o léxico que denota posições espaciais, e, por fim, o estudo do espaço como arranjo social compartilhado por grupos de falantes em interação linguística, têm por enfoque o fenômeno da relação entre língua e espaço, sob pontos de vista, aparentemente, diferenciados.

É o que encontramos na proposta de Thun (1996; 1998) com seu modelo de Dialectologia Pluridimensional e Relacional, como uma “ciência ampla da variação linguística” (THUN, 1998, p. 704). Quando Thun afirma que a dialetologia tradicional abandonou o espectro da busca por registrar uma língua homogênea e fixa escondida em um espaço muitas vezes longínquo e isolado, como resquício de línguas originárias antigas, e passou a incorporar o espaço social e a mobilidade em seus estudos, também o espaço absoluto deixa de ser o foco principal, e o relativo é que exerce a sua função entre as variáveis pesquisadas. Thun vai ainda mais longe, incorporando também o espaço relacional. O espaço relacional refere-se tanto aos contatos linguísticos diacrônicos e diatópicos como aos diatópico-cinéticos e diastráticos. Há, portanto, a perspectiva de unir as linhas de estudo da língua no espaço geográfico, dêitico e interacional, observando como a(s) língua(s) se apresenta(m) ao ser(em) descrita(s) nesses espaços. Ou seja, a dominância do enfoque é perspectivada pelo próprio objeto em análise.

No caso do presente estudo, as perspectivas de análise se entrelaçam explicitamente quando encontramos comentários do tipo “essa palavra não é daqui”, ou “aqui não se usa isso” ou, ainda, “isso não faz parte da nossa cultura”. E quase sempre, mesmo sem ter sido necessário perguntar “quem fala assim?”, como sugere Thun (2010; 2017 [2005]), os comentários indicam por meio de expressões dêiticas, “isso é de lá”, ou, “mais pra cá se fala assim” ou, ainda, “isso é lá pra baixo, os sulistas falam assim”, “sim, essa expressão é daqui, é da nossa cultura”, como nessas expressões retiradas do *corpus* da pesquisa de tese.

As percepções dos falantes emergem, naturalmente, e principalmente, nas etapas de *insistência* e *sugestão*⁴. Quando requisitados a ir além da resposta espontânea contribuindo com outras respostas conhecidas (repertório do falante), normalmente se produzem formas linguísticas que são também usuais ou ‘normais’ para aquela comunidade de fala, como ainda podem emergir variantes resultantes de contato intervietal ou interlingual. Essas últimas respostas quase sempre vêm acompanhadas dos comentários baseados em percepções espaciais ou de julgamentos da suposta matriz de origem do grupo de falantes, como já observado por Thun (2010).

Nos comentários metalinguísticos por sugestão do entrevistador, as percepções dos entrevistados emergem diretamente com o uso dos dêiticos, como já mencionado. Afirma-se categoricamente que tais variantes pertencem ou não pertencem à sua comunidade de fala. O discurso de pertencimento apresenta-se com enunciados declarativos ou negativos pelo falante que assume o papel de autoridade inquestionável como dono de sua língua, de sua variedade regional, excluindo-se a variação, a diversidade linguística. Essas percepções denotam que a língua é usada para julgamentos subjetivos sobre os seus falantes (BAGNO, 2007).

Passamos, a seguir, a apresentar alguns trechos das entrevistas realizadas com dez falantes na localidade de Balsas, no sul do Maranhão, sendo cinco falantes topodinâmicos (sulistas) e cinco topostáticos (nortistas).

3 Dimensão diarreferencial: percepções de sulistas e nortistas

A Dialetoologia Pluridimensional e Relacional (THUN, 1998) prevê, além da dimensão diatópico-cinética, outras dimensões de análise, entre elas a dimensão diarreferencial, que, com

⁴ O termo “*sugestão*” (*sugestão de variantes*) é do professor Dr. Harald Thun, teórico da Dialetoologia Pluridimensional e Relacional.

a técnica em três tempos – *perguntar, insistir, sugerir* –, apreendem-se as percepções individuais e em grupo, assim como as práticas sociais que subjazem as relações em determinado espaço geográfico ou social. Assim, na pergunta “De manhã cedo, a grama geralmente está molhada. Como chamam aquilo que molha a grama?”, as respostas obtidas foram:

Resposta espontânea + insistência:

• <F> • f1 - [uɔʔɐ̃vaju] • m1 - [ɔɦɐ̃vaʎu] • <I1 - o que mais... outra palavra?> • m2 - [nɛɐ̃blɪnɐ] é.../((sobreposição)) • f2 - /é u [uɔʔɐ̃vaju] da noite ||⁵ (Casal CaGI_N)

Sugestão:

• <S1 - sereno também conhece?> • m3 - [sɛɐ̃renu] também, [sɛɐ̃renu] da noite • f3 - [sɛɐ̃renu] também, [sɛɐ̃renu] da noite, é... • <MK - m4- é, mas u [sɛɐ̃renu] aqui pra gente é mais é...é no anoitecer, no meu entendimento, eu, eu aprendi assim que o [sɛɐ̃renu] era anoitecendo, de manhã era o [ɔɦɐ̃vaʎu] é • f4 - é isso mesmo...> (Casal CaGI_N)

Na insistência, produziu-se mais uma variante para a pergunta feita: *neblina* e a repetição da variante *orvalho*, agora com o sintagma *da noite*; o que não se chegou a comentar se ambas – *orvalho* e *neblina* – seriam palavras sinônimas para nomear o mesmo referente. Já na sugestão da palavra *sereno*, surgem os comentários dos participantes de que haveria diferenças semânticas na fala balsense entre o uso da variante *orvalho* e *sereno*, destacando-se a partícula dêitica “aqui pra gente”, nesse caso, para os falantes da variedade do português setentrional.

Para detalhar a aplicação da técnica e compreender como realizamos, seguimos com outro exemplo retirado do *corpus*. Para a pergunta <F> (*Frage*): “... as frutas menores que a laranja, que se descascam com a mão, e, normalmente, deixam um cheiro na mão? Como elas são?”, as respostas (m1, m2...f1, f2...masculino e feminino por ordem de turnos, respectivamente) e a insistência <I1> foram as seguintes:

• <F> • m1 - eu:: tem umas que chama as [mɪxɪɐ̃rɪkɐ], [tãʒɐ̃rɪnɐ], ou [bɛrɔɐ̃mɔtɐ], no meu caso era conhecida como [bɛrɔɐ̃mɔtɐ], né- • f1 - [bɛrɔɐ̃mɔtɐ] • <I1 - mais alguma?> • m2 - hum, acho que não, tem muitos/ • f2 - [ɐ̃tãːˈʒɐ], outros dizem [ɐ̃tãːˈʒɐ], [ɐ̃tãːˈʒɐrɪnɐ]. || (Casal CbGII_S)

Na resposta espontânea, o homem (m1) responde primeiro e diz “tem umas que chama as mexerica, tangerina ou bergamota, no meu caso era conhecida como bergamota, né”. O

⁵ As fontes de todos os excertos, neste artigo, são recortes da transcrição do *corpus* da pesquisa de campo realizada para a elaboração da tese mencionada.

falante produz três variantes espontâneas, *mexerica*, *tangerina* e *bergamota*, e a esposa (f1) produz apenas uma, *bergamota*. Então, a entrevistadora parte para a segunda fase da técnica – insistir – para ver se há mais variantes no repertório que não foram ditas ou mesmo lembradas naquele momento pelos falantes e “insiste” com a pergunta insistência <I1> “mais alguma?”, ou seja, mais alguma variante para nomear o referente sugerido na pergunta? Como a resposta foi negativa pelo homem, poderia também ter sido negativa pela mulher, e já se parte direto para a terceira fase, a da sugestão; mas a resposta foi positiva pela mulher, que se lembrou da forma *tanja*⁶ e ainda complementou: “outros dizem tanja, tangerina”, demonstrando ser uma variação de *tangerina*.

Após essas duas fases ou etapas – *perguntar e insistir* – e dependendo das produções linguísticas já feitas, adapta-se a terceira fase no mesmo momento, verificando quais variantes ainda não foram produzidas e se faz uma ou mais sugestões <S1, S2...>, como na sequência da entrevista-conversa, em que foram realizadas as seguintes sugestões, conforme abaixo: <S1 – poncã já ouviu falar?>. Nesse caso, se deveria ter aguardado mais para ver se o homem (m3) completaria a resposta, mas, como a mulher (f3) interrompeu, dizendo “poncã é...” e ficaram ambos titubeando, a entrevistadora logo fez a segunda sugestão <S2 – mimosa?>, e assim se seguiram com os comentários metalinguísticos de ambos os falantes (m e f):

• <S1 - poncã já ouviu falar?> • m3 - [poʒkã] é uma variedade de / • f3 - /poncã é... •
 <S2 - mimosa?> • m4 - também, humhum, são são nomes...são variedades da
 [bergaʒmote], né • f4 - mais no caso, como a gente conhecia desde pequeninha que
 chamava se chamava [bergaʒmote] lá no sul, né (Casal CbGI_S)

Também nesse trecho da interação surge a partícula dêitica “lá no sul” para se referir a uma variante que “a gente conhecia desde pequeninha”. É um comportamento pragmático-linguístico que se repete ao longo de quase todas as entrevistas, tanto de falantes topodinâmicos como topostáticos, fazer essa relação da variante com o espaço geográfico onde é falada. Há uma necessidade de se fazer relação entre “o eu e o outro”, a alteridade, mediada pela procedência do espaço geográfico de cada um, no contato intervarietal.

Dessa forma, ao se fazer as sugestões, na terminologia do professor Thun, conseguimos captar o repertório linguístico passivo do falante, aquele que está guardado na memória e que faz parte do vocabulário e que poderá ser ativado a qualquer momento, ou, também, pelo contrário, aquelas variantes que não pertencem ao repertório do falante, como

⁶ O *Dicionário de porto-alegrês* (FISCHER, 2011, p. 51) traz também a forma *berga*, apócope da variante sulista *bergamota*.

nesse caso a seguir:

• <S1 - vocês conhecem vergamota?> • m5 - [bɛfɨgaʒ<mɔtɐ] eu conheço, mesma coisa também ((risos)) é outro nome • <S2 - e o bergamota também conhece?>/ Com b?> • f5 - não • m6 - com b? • f6 - conheço não • m7 - eu só conheço com b [bɛfɨgaʒ<mɔtɐ], o outro é o quê? [vɛfi]... não, [vɛfɨgaʒ<mɔtɐ] não conheço não • <S3 - e mimosa conhecem?> • m8 - não • f7 - não (Casal CaGI_N)

No excerto acima, constata-se que tanto a variante <vergamota> quanto <bergamota> não fazem parte do repertório dos falantes, nem mesmo o da entrevistadora, pelo gênero do determinante usado na pergunta. Outro detalhe interessante é a presença da afirmativa negativa “conheço não”, como construção morfossintática e marca regional característica do português do norte. Ou ainda, na fase da sugestão, é possível emergir outras variantes diferenciadas ou semelhantes, com pequena variação morfofonêmica em variedades regionais, que não estavam previstas durante a entrevista e nem eram conhecidas pelos pesquisadores, como nesse caso:

• <S1 - vocês já ouviram falar na vergamota?> • m2 - [vɛrgaʒ<mɔtɐ]? Não • <S2 - e tem a bergamota também, com b, bergamota e, a mimosa e a poncã> • m3 - ah sim/ • f2 - já, já.../ • m3 - são variedades, são variedades • f3 - são da mesma, são da mesma... • m4 - [poʒ<kã] é a mesma • f4 - é a mesma... família né • <S3 - já ouviu falar poncã?> • f5 - [poʒ<kã], é [morʒ<gã]morgã... | (Casal CabGII_N)

Ao se elicitar as variantes, *vergamota*, *bergamota*, *mimosa* e *poncã*, surge a variante <morgã>, que, em pesquisa a dicionários refere-se à *laranja-morgã* ou *morgote*, outro tipo de fruto semelhante. Mas, ainda assim, é possível constatar que, apesar das afirmativas de que conhecem tais variantes, quando se repete a variante <poncã>, ouve-se a variante <morgã> e se verifica que essas variantes não fazem parte do repertório linguístico desses falantes nortistas. Tal como acontece com a aprendizagem de uma L2 ou segunda variedade, parece que os lexemas de outra variedade linguística, mesmo sendo da mesma língua, se apresentam com os mesmos traços da variedade do ouvinte, e este começa a produzir uma variante tal como se ouviu, porém, um parônimo. Nesse quesito, lembra-se do problema da transição na mudança linguística em que há intercurso de traços entre línguas ou variedades linguísticas, conforme Weinreich, Labov e Herzog (2006 [1968]).

Voltando à importância da *técnica em três tempos*, esta propicia também ao falante demonstrar não só o seu repertório linguístico, mas também o seu conhecimento enciclopédico ou a sua percepção sobre a realidade que o circunda nos aspectos sociológicos, históricos e até mesmo antropológico-culturais. Um exemplo é o longo excerto seguinte dos falantes CaGI_N:

• <S1 - vocês conhecem a palavra lavar?> • m3 - [laʒ<vra:]? • <S2 - tomar, virar, em relação a.../ • f3 - [laʒ<vra:] eu conheço.../ • m4 - é porque nessa..na nossa região

aqui não tem essa cultura de puxar, é animal puxar arado não, não tem essa cultura aqui, aqui só enxada mesmo, é só enxada mesmo • f4 - é • m5 - não tem essa cultura não, meus pais tinham canaviais grandes com.. e mandiocaí grandes, grandes assim pra pra questão manual né, mas era tudo na enxada mesmo/, tudo, tudo na enxada, não tinha nada mesmo de máquinas não • <MK1 - não se lava ((inaudível)) • m6 - não, não se lava não, aqui não, aqui animal só pra puxar carroça • f5 - e... e engenho • m7 - e engenho • f6 - pra fazer, pra fazer.../ • m8 - carregar carga • f7 - rapadura, fazer.../ • m9 - mas o arado mesmo, aquele aradozinho aive::ca, aquele não existe aqui não/ • f8 - fazer puxa, conhece puxa?/ • m10 - o sertanejo não conhece/ • f9 - no engenho • m11 - não conhece, eu mesmo vim conhecer aquele tipo de arado quando fui estudar em colégio agrícola • f10 - e também, também...é/ • m12 - não tem aqui não • f11 - é:: mas a carroça também já é outra coisa, não é pra puxar arado • m13 - é, o revirar a terra não é cultural aqui da região, não existe isso aqui, é, porque é cultura de subsistência e é aquela cultura de você ficar migrando de uma região pra outra né, é desmatar, brocar, queimar, encoivarar né, encoivarar, queimar/ • f12 - no sertão a gente chamava era.../ • m14 - é mas aqui, aqui dificilmente se planta, aqui se semeia, é mais uma semeadura de ou no máximo uma matraquinha né • f13 - a matraca isso que eu ia dizer é • m15 - a matraca • f14 - a matraca que a gente bota no.../ • m16 - mas o arar mesmo não existe aqui não • f15 - um na frente ia com a matraca abrindo o buraco e outro botava a semente aqui na camisa ia botando e empurrando com o pé • m17 - é • f16 - quando fecha com o pé, entendeu? assim que eu conheço • m18 - com a questão de plantar fazer os sulcos não existe a cultura aqui.. nossa não • f17 - isso aí eu sou da época da matraca, diga.

A passagem acima se desenvolveu a partir das sugestões: “você conhece a palavra *lavar*?” e, depois, complementado com mais variantes “*tombar*, *virar*?” Verifica-se que, ao sugerir tais variantes, como atividade agrícola, aos falantes nortistas em uma região atualmente dominada pelo agronegócio na produção da soja liderado pelos migrantes sulistas, a percepção desses falantes é a de que há uma prática social dominante e imposta que não pertence à região nem às populações locais. E o fato de que tal atividade, como é descrita pelos falantes, como no trecho, “o revirar a terra não é cultura aqui da região, não existe isso aqui...”, confirma a percepção de que não só a atividade econômica dominante na localidade não é da região, como também a cultura, os costumes e até a variedade linguística, mesmo que minoritária, “não é daqui, é de fora”.

Buscando-se mais elementos para se compreender os comportamentos sociais por meio das produções linguísticas, ficou claro, no excerto anterior, que a atividade de *capinar* faz parte da cultura de ambas as regiões, Sul e Norte, ao invés de *arar*, *lavar*, que parecem fazer parte apenas da cultura sulista, assim como as suas respectivas variantes linguísticas. Vejamos então quais foram os comentários metalinguísticos sobre a sugestão da variante <carpir> aos falantes CbGI_S:

<S- carpir?> • f2 - carpir é, a gente fala carpir • m3 - é carpir • <MK1 - mas não usa mais quase carpir, mais é capinar> • m4 - mas é o o...carpir usava lá no sul, eu vou carpir, vou carpir, vou capinar • <MK2 - aqui usa muito capinar, né, mais é capinar...> • f3 - é...é

Novamente, aparece, no excerto, o contexto espacial por meio da expressão “carpir usava lá no sul, aqui é mais é capinar”. Por que será, então, que não se usa *carpir* na localidade no sul do Maranhão?

<S- já ouviu falar em carpir?> • f2 - carpir? Já vi essa palavra no dicionário, só que não tô lembrando o que que é... carpir... • <MK1 - é o mesmo que capinar...> • f3 - é mesmo que capinar né • <MK2 - mas vocês já ouviram falar em carpir já ou alguém falando carpir?> • f4 - não, eu já vi no dicionário, mas, mas n...ouvi ninguém falar, só no dicionário tem com certeza, né (Casal CabGII_N)

A resposta dos falantes CabGII_N para tal pergunta sobre a fala dos sulistas está no excerto acima: a variante <carpir> não é conhecida na localidade. <Carpir> parece não fazer parte do repertório linguístico da variedade do português setentrional. Assim, como esse trecho retirado do *corpus* da pesquisa de tese, teríamos outros exemplos que retratam as divergências das variedades do norte e do sul do português brasileiro. Geralmente, as variantes sugeridas, no caso da presente pesquisa, com foco no vocabulário do português meridional, são percebidas pelos falantes como sendo do Sul, como nesses trechos:

• <S1 - guri, conhece também?> • f5 - guri é mais pra gaúcho, é mais lá pra baixo... ((inaudível)) • m5 - é, não usa aqui não... • <S2 - garoto também?> • m6 - pouco, muito pouco • f6 - muito pouco, é garoto é meio fino, já não soa no nosso ouvido uma certa intimidade que fomos criado, esse menino - menino vem cá, menino do buchão! • m7 - é.. menino e moleque, moleque é mais usado do que menino... (Casal CaGI_N)

Os próprios falantes comentam, avaliam e julgam as variantes como pertencentes a determinado grupo de fala, assim como os seus próprios usos e aquilo que seria o padrão em sua comunidade de fala pela frequência de uso ou o que seria mais comum na fala local. Não é preciso nem perguntar “quem fala?” ou “você acha que essa fala é de qual lugar?”, os próprios falantes expõem suas percepções e suas avaliações, espontaneamente:

• <S1 - garoto...> • f5 - garoto também • m3 - garoto • <S2 - conhecem piá?> • m4 - piá? • f6 - piá • <S3 - já ouviu falar em piá?> • m5 - os gaúcho também que falam, chamam piá (risos)). (Casal CabGII_N)

Ou ainda, como nesta percepção dos falantes em que, mesmo depois de mais de 30 anos inseridos em outro meio cultural, reconhecem as variantes locais como não pertencentes ao seu repertório linguístico da matriz de origem sulista:

• <S - pão-doce?> • m4 - pão-doce, pão-doce... • f3 - é o pessoal aqui, maranhense costumam dizer pão-doce né, mas nós só usamos a expressão de cuca mesmo. (Casal CbGI_S)

Assim como também os falantes, nesse caso migrantes, comentam o que aprenderam

(aquisição) ou incorporaram ao seu repertório linguístico no contato intervietal:

- <S - doce de frutas?> • m2 - é... eu conhecia como chimia lá no sul, aqui que eu vim aprender que é geleia ((risos)) • f2 - não, tem a chimia e tem a geleia, é diferente ((risos)) • m3 - a chimia é: de pedacinho de fruta, a geleia.../ • f3 - a chimia é dos pedacinhos de fruta, né, e a geleia ela já vem fininha/ • m4 - é só o mel mesmo, o mel das coisas. (Casal CbGI_S)

Ou ainda, como também os próprios falantes já arriscam a classificar as variantes produzidas ou sugeridas como sendo do português brasileiro do norte ou do sul, como no excerto seguinte:

- <S1 - bolita?> • m2/ • f2 - [boʒ<litə] • m3 - peteca no norte, bolita no sul (Casal CabGI_SN)

Desse modo, a dimensão diarreferencial complementa as análises para corroborar as variações linguísticas diatópicas e, principalmente, os contatos linguísticos entre variedades de falantes topodinâmicos e topostáticos motivados por migrações. Essas percepções e avaliações por meio de comentários metalinguísticos, desencadeadas pela técnica em três tempos, aliadas às produções linguísticas dos próprios falantes, propiciam a interpretação das relações sociais e até mesmo o sentimento de pertencimento que não se apresenta só no julgamento das variantes regionais, mas de sua própria identidade.

4 Considerações finais

Na dimensão diarreferencial, em que se demonstraram dados linguísticos sobre as percepções individuais dos falantes sulistas e nortistas, pode-se constatar, na fala de ambos os grupos topodinâmicos e topostáticos, comportamentos de alteridade. Tanto sulistas como nortistas, com destaque maior para os últimos, têm uma percepção muito consciente da realidade que os circunda, apontando as diferenças culturais regionais existentes na localidade expressas pelas variedades do norte e variedades do sul do português brasileiro, em contato intervietal. Os principais indícios estão marcados na frequência dos elementos dêiticos presentes na fala de ambos os grupos regionais. *Lá e aqui, pra baixo e pra cima, dentro e fora* e outras expressões demonstram que, embora convivendo juntos na mesma localidade há quase meio século, entre manter ou inovar, alternar ou substituir, em meio à variedade nortista, a variedade falada pelos migrantes sulistas ainda resiste.

REFERÊNCIAS

- ALTENHOFEN, Cléo V. Os contatos lingüísticos e seu papel na arealização do português falado no sul do Brasil. In: ELIZAINCÍN, Adolfo; ESPIGA, Jorge (orgs.). *Español y portugués: fronteiras e contatos*. Pelotas: UCPEL, 2008. p. 129-164.
- ALTENHOFEN, Cléo V. Os estudos de variação linguística e de línguas em contato com o português: raízes históricas da pesquisa no Instituto de Letras da UFRGS. In: SANSEVERINO, Antônio Marcos Vieira; MITTMANN, Solange. *Trilhas de investigação: a pesquisa no I.L. em sua diversidade construtiva*. Porto Alegre: Instituto de Letras, UFRGS, 2011. p. 17-31.
- ALTENHOFEN, Cléo V.; THUN, Harald. A migração e os contatos linguísticos na geografia linguística do sul do Brasil e Bacia do Prata. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade; ROMANO, Valter Pereira. *A geolinguística no Brasil: caminhos percorridos, horizontes alcançados*. Londrina: Eduel, 2016. p. 371-392.
- AMARAL, Marisa Porto do. Um marco dos estudos dialetológicos: I Congresso Brasileiro de Dialectologia e Etnografia. *Revista Investigações*, Recife, v. 32, n. 2, p. 419-435, dez. 2019.
- AUER, Peter; HILPERT, Martin; STUKENBROCK, Anja; SZMRECSANYI, Benedikt. Integrating the perspectives on language and space. In: AUER, Peter; HILPERT, Martin; STUKENBROCK, Anja; SZMRECSANYI, Benedikt (eds). *Space in Language and Linguistics: Geographical, interactional, and cognitive perspectives*. Linguae et Litterae. Vol. 24. Berlin: de Gruyter, 2013. p. 1-18. Disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/34585752.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2020.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito linguístico: o que é, como se faz*. 49. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.
- BUNSE, Heinrich A. W.; KLASSMANN, Mário S. *Estudos de dialetologia no Rio Grande do Sul: problemas, métodos e resultados*. Porto Alegre: UFRGS, 1969.
- CARBONI, Florence; BOENAVIDES, Débora Luciene Porto; BARILI, Camila; MELEU, Suélen Martins. O plurilinguismo na história do Brasil: considerações exploratórias. *Organon- Revista do Instituto de Letras da UFRGS*, Porto Alegre, v. 32, n. 62, 2017.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. O atlas linguístico do Brasil: de “nascituro” a “adolescente”. In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. [livro eletrônico] Londrina: Eduel, 2013. p. 1-12.
- CARDOSO, Suzana Alice Marcelino. O papel social de um atlas linguístico. In: MOTA, Jacyra Andrade; PAIM, Macela Moura Torres; RIBEIRO, Silvana Soares Costa (Orgs.). *Documentos 5: projeto atlas linguístico do Brasil, avaliações e perspectivas*. Salvador: Quarteto, 2015. p. 13-22.
- FISCHER, Luís Augusto. *Dicionário de porto-alegrês*. 14. ed. revisada e ampliada. Porto Alegre: L&PM Editores, 2011.
- IDERB – Instituto de Defesa Rio Balsas. O rio Balsas. 30 mar. 2021. 1 fotografia. Facebook: <https://www.facebook.com/iderb.balsas>. Disponível em
- Organon*, Porto Alegre, v. 38, n. 75, jan/julho. 2023.
DOI: 10.22456/2238-8915.131469

https://m.facebook.com/story.php?story_fbid=pfbid02EZcAVmS8LkGHTG9G1Gx9Uy94B9ph3LckjAdiWZTZhNaNJRcVzXj8eY2rqnFoykkzl&id=1125576684139116&mibextid=Nif5oz. Acesso em 13 jul. 2023.

IBGE. **Balsas**: *Cidades e Estados*: panorama. Brasília, DF: Sítio do Governo Federal, 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/balsas/panorama>. Acesso em: maio 2023.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. *Como falam os brasileiros*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

MELLO, Heliana; RASO, Tommaso. O contato intraindivíduo: aquisição de L2 e erosão de L1 no Brasil. In: MELLO, Heliana; ALTENHOFEN, Cléo V.; RASO, Tommaso. *Os contatos linguísticos no Brasil*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011. p. 461-477.

MEURER, Marcia. *O português de migrantes sulistas no nordeste do Brasil*: variação e mudança de marcas regionais no contato intervietal. Orientador: Cléo Vilson Altenhofen. 2022. 344 f. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Instituto de Letras, Programa de Pós-Graduação em Letras, Porto Alegre: 2022. Disponível em <http://hdl.handle.net/10183/249892>. Acesso em: 27 jan. 2023.

MILROY, Lesley; LLAMAS, Carmen. Social networks. In: CHAMBERS, J.K.; SCHILLING, Natalie (eds.). *The handbook of language variation and change*. 2. ed. Malden/Oxford: Wiley-Blackwell, 2013. p. 409-427.

BRASIL. Ministério dos Transportes. *Mapa descritivo da BR-153*. Brasília, DF: Ministério dos Transportes, 2000. Disponível em <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Br-153mapa.jpg#/media/Ficheiro:Br-153mapa.jpg>. Acesso em: 16 set. 2021.

BRASIL. Ministério dos Transportes. *Mapa descritivo da BR-230 em relação às outras rodovias brasileiras*. Brasília, DF: Ministério dos Transportes, 1999. Disponível em <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Br-230mapa.jpg#>. Acesso em: 16 set. 2021.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Alice M. Dialetoлогия brasileira: o atlas linguístico do Brasil. *Rev. ANPOLL*, São Paulo n. 8, p. 41-57, jan./jun. 2000.

MOTA, Jacyra Andrade; CARDOSO, Suzana Marcelino. *Variação fônica nas capitais brasileiras*. In: MARTINS, Marco Antônio; ABRAÇADO, Jussara (orgs.). São Paulo: Contexto, 2015. p. 65-78.

NASCENTES, Antenor. *O linguajar carioca*. 2. ed. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1953.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos caminos de la geolingüística românica. Un balance. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (eds.). *Neue Wege der romanischen Geolinguistik*: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie. Kiel: Westensee-Verl., 1996. p. 25-49.

THUN, Harald. Movilidad demográfica y dimensión topodinámica. Los montevidanos em Rivera. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (eds.). *Neue Wege der romanischen*

Geolinguistik: Akten des Symposiums zur empirischen Dialektologie. Kiel: Westensee-Verl., 1996. p. 210-171.

THUN, Harald. La geolingüística como lingüística variacional general (com ejemplos del Atlas lingüístico Diatópico y Diastrático del Uruguay). In: *International Congress of Romance Linguistics and Philology*, 21., 1995, Palermo. Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza. Tübingen: Niemeyer, 1998. v. 5, p. 701-729.

THUN, Harald. Variety complexes in contact: A study on Uruguayan and Brazilian Fronterizo. In: AUER, Peter; SCHMIDT, Erich (eds.). *Language and space: An International Handbook of Linguistic Variation*. Vol. 1: Theories and methods. Berlin: de Gruyter Mouton, 2010. p. 706-723.

THUN, Harald. Resenha do ALiB Vol. 1 e 2. *Linguística*. Vol. 32-2, dezembro 2016, p. 141-144.

THUN, Harald. Variação na interação entre informante e entrevistador. Trad. Cléo Vilson Altenhofen / Filipe Neckel. *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, n. 40, p. 82-107, jan/jun 2017 [2005]. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/cadernosdetraducao/article/view/87180/50001>. Acesso em: 21 jan. 2021.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin I. *Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística*. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].

Artigo submetido em: 31 mar. 2023

Aceito para publicação em: 17 jun. 2023

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.131469>